

REVISITANDO A PEQUENA SOCIOLOGIA ELEITORAL DE ANTÔNIO FLÁVIO PIERUCCI (1985-1992)

*Leonardo Octavio Belinelli de BRITO**

RESUMO: O artigo revisita a produção de Antônio Flávio Pierucci sobre o comportamento eleitoral dos eleitores paulistanos de Jânio Quadros e Paulo Maluf no período compreendido entre 1985 e 1992. Além de revelar uma faceta pouco lembrada do autor, o texto visa destacar o objeto de estudo, a metodologia empregada pelo autor e as suas conclusões políticas. Também será objeto de atenção do artigo a maneira pela qual Pierucci utilizou a sociologia de Pierre Bourdieu para desvendar o modo de ser conservador de um estrato da população paulistana. Tendo em vista que a realidade é sempre mutante, o texto visa sublinhar a importância deste conjunto de estudos, de modo que os toma como referência para pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Malufismo. Janismo. Conservadorismo. Antônio Flávio Pierucci.

Introdução

Antônio Flávio Pierucci costuma ser lembrado, com razão, pelos seus trabalhos seminais sobre as religiões no Brasil. Como efeito colateral desta ênfase, acaba-se deixando às margens alguns de seus outros estudos que, à sua maneira, podem ser reveladores. Buscando desfazer parte deste desencontro, o intento deste trabalho é revisitar um conjunto de estudos conduzidos por Pierucci sobre comportamento político-eleitoral de eleitores de Jânio Quadros e Paulo Maluf no período compreendido entre 1985 e 1992.

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 - belinelli.leonardo@gmail.com.

Como se vê, outro fator que contribuiu para o relativo esquecimento destes trabalhos é o fato de que Pierucci os realizou num breve período de sua longa carreira acadêmica. O primeiro texto que dedica ao tema data de 1986 (PIERUCCI, 1986), resultado de pesquisa feita no ano anterior; o último artigo produzido pelo autor é de 1993, resultado de pesquisas feitas em 1992 (PIERUCCI; LIMA, 1993). Ainda que seja uma produção relativamente pequena, os objetos de estudo – as trajetórias eleitorais de Jânio Quadros e Paulo Maluf, a metodologia empregada e as pistas políticas fornecidas por estes trabalhos constituem justificativas plausíveis para a revisitação do mesmos. Assim, mais do que reafirmar as conclusões do autor, queremos destacar a forma de suas pesquisas, alguns de seus achados, de maneira que possamos tomar seus estudos como exemplos e inspirações para pesquisas futuras.

Três ideias orientam este artigo. A primeira é a de que nos trabalhos aqui estudados existe, ainda que de maneira assistemática, uma teoria sobre o comportamento eleitoral na cidade de São Paulo. A segunda é a de que podemos compreender melhor sua construção teórica central – a noção de classe média baixa – a partir da sociologia de Pierre Bourdieu, com destaque para o seu conceito de classe social. E, por fim, poderíamos assinalar que estes estudos contêm o que poderíamos chamar de uma mensagem política para os setores progressistas, que deveriam se atentar para o que o autor chamará de ciladas da diferença.

O trabalho está estruturado em cinco partes. A primeira trata das origens, das motivações e do desenho de pesquisa. A seguinte explicita os resultados obtidos, nos quais aparecem as teorias sobre o comportamento eleitoral paulistano. As terceira e quarta partes se referem propriamente ao estudo qualitativo das bases conservadoras, isto é, a construção teórica da ideia de classe média baixa, focalizando a compreensão do seu discurso e a sua articulação com os raciocínios de direita. Por fim, já na conclusão do texto, abordaremos os eventuais ensinamentos que os trabalhos de Pierucci podem trazer para o progressismo.

As origens e o desenho da pesquisa

As pesquisas de Antônio Flávio Pierucci sobre os votos conservadores na cidade de São Paulo foram iniciadas em 1985, altura na qual o autor compunha o quadro de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). O mote da empreitada foi a dupla surpresa trazida pela eleição municipal paulistana de 1985: por um lado, a derrota de Fernando Henrique Cardoso, político identificado com os renovados ares da Nova República e, por outro, a vitória de Jânio Quadros, que obteve 37,5% dos votos válidos. Impunha-se a tarefa de buscar compreender

o que havia passado pelas cabeças dos eleitores paulistanos, que votaram num candidato conservador logo na primeira eleição municipal após a redemocratização. Para complicar o problema, também surpreendeu, nesta conjuntura, a porcentagem de votos – cerca de 20% - obtidos pelo petista, Eduardo Suplicy. Aí estavam as motivações de Pierucci, que, junto com o economista Paul Singer, propôs uma ampla pesquisa pós-eleitoral sobre o comportamento eleitoral paulistano. O desenho inicial da pesquisa propunha mais de 2000 *surveys* detalhados. Contudo, a vastidão da pesquisa impossibilitou seu financiamento.

Dada esta contingência, Pierucci alterou o desenho da pesquisa. No trecho abaixo, o sociólogo descreve o seu novo formato:

[...] acabei desenhando uma pesquisa qualitativa, absolutamente barata, de estilo artesanal e bastante flexível, que consistia no seguinte: depois de observar os mapas eleitorais do município de São Paulo, e aí examinar a distribuição geográfico-espacial do voto, localizar os distritos eleitorais em que se havia concentrado o voto em Jânio Quadros e então selecionar aqueles bairros em que pelo menos um terço do eleitorado havia votado em Jânio. Pelo menos um de cada três eleitores. E saí à cata dos bairros. (PIERUCCI, 1999, p.89).

Tratava-se, então, de realizar a pesquisa que fosse possível. Os bairros selecionados foram bairros da Zona Leste mais próximos ao Centro (Brás, Móoca, Belenzinho), depois um pouco mais para a Zona Norte (Pari), depois voltando para Zona Leste (Tatuapé, Alto da Móoca, Vila Matilde, Vila Formosa) e depois para os lados do ABC, no subdistrito da Vila Prudente (Vila Zelina, Vila Alpina, Vila Califórnia, Parque São Lucas e a própria Vila Prudente). Ademais, havia os bairros da Zona Norte, que também apresentaram fortes tons janistas: os redutos tradicionais da Vila Maria e da Vila Guilherme, indo até a Vila Sabrina e o Tucuruvi, voltando a Santana e dali indo até uma parte da Zona Oeste, da Casa Verde até o Limão, que se comunicava com a região baixa da Lapa.

Segundo o sociólogo, estas áreas, além de formar um recorte geográfico específico, têm em comum o fato de serem a **periferia histórica** de São Paulo, o que lhes dava uma característica própria: tinham altos números de habitantes nascidos na cidade de São Paulo, filhos de imigrantes europeus. Adiante voltaremos à questão, que será central.

Vale fazer aqui um parênteses: uma ocorrência importante, que colaborará para os posteriores desenvolvimentos das pesquisas do autor, é que naquele ano, 1986, houve eleição para governador do estado de São Paulo, na qual Paulo Maluf saiu como candidato. Pierucci, então, buscou unir ao seu objeto de pesquisa inicial, os janistas, os malufistas. Desse modo, realizou mais de cento e cinquenta entrevistas

semidiretivas, extrapolando em muito o planejamento inicial, que era de quarenta entrevistas.

Do ponto de vista do objeto, é preciso assinalar que Pierucci buscava analisar o que chamou de ativistas das campanhas conservadoras. Por isso, não bastava que o entrevistado tivesse votado em Quadros ou Maluf; era preciso que ele ou ela tivesse tentado convencer ao menos uma outra pessoa a fazê-lo. O interesse desta categoria, o ativista, é que ela reside numa zona intermediária entre o eleitor comum e o militante partidário. Mais do que estudar pessoas que votaram em Jânio ou Maluf, o objetivo era estudar janistas e/ou malufistas convictas. “Estávamos querendo entrevistar eleitores ativamente janistas e/ou malufistas, este era o filtro.” (PIERUCCI, 1999, p.91).

Cuidados adicionais foram tomados, dada a especificidade do objeto estudado. Pois, diferentemente dos dias atuais, naquela altura a direita seria um nome que não se diz. Um exemplo dado pelo autor seria o de Paulo Maluf, que se lançou em 1986 como um candidato de “centro equilibrado e moderno”. (PIERUCCI, 1987, p.37). Paralelamente, ocorria, naquele momento, o fenômeno do eleitor envergonhado. Maluf exortava para que seus eleitores declarassem seu voto nas pesquisas eleitorais. Segundo o autor:

[...] a ocorrência do eleitor direitista envergonhado nas primeiras eleições da Nova República é um dado importante: mostra que a vergonha de si não se restringe às elites da direita radical, mas afeta até mesmo suas bases de voto, e que portanto o voto na direita truculenta, no fundo do “inconsciente coletivo” das camadas populares, pode significar um ato de transgressão impublicável. (PIERUCCI, 1987, p.38).

A transferência de temas, de troca de bandeiras e o desejo de despistar forçam o pesquisador a ter mais cuidado ao estudar os pensamentos da direita. Adicionalmente, há dois problemas: o primeiro é que as posições da direita são relativas, isto é, se definem em contraposição às posições da esquerda; segundo, e principalmente, há várias direitas, “variações em função da disposição em graus” no leque político (PIERUCCI, 1987, p.39). Ou seja, seria preciso compreender que a direita é plural. De passagem, vale observar que isso já havia sido assinalado por Francisco Weffort (1978), que identificou raízes sociais diferentes nos votos dados ao então jovem político Jânio Quadros e ao experiente Adhemar de Barros.

Por isso, Pierucci tomava como orientação para seus estudos a ideia de alas, correntes e grupos de direita, recorrendo à “metáfora biológica das famílias e linhagens” para compreender as relações entre os grupos, bem como recorrer às

“metáforas genealógicas, para poder dar conta da sucessão temporal das camadas, de seus deslizamentos e cambiantes superposições.” (PIERUCCI, 1987, p.39).

Os resultados encontrados

É no terceiro texto produzido, *A direita mora do outro lado da cidade*, apresentado na reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), que Pierucci (1988) aborda as bases socioeconômicas e geográficas do voto conservador na cidade de São Paulo. Nele, o autor indica que os melhores resultados de Jânio Quadros se encontravam na **periferia histórica**, atualmente bairros ocupados por membros da classe média baixa. Este resultado remete, segundo Pierucci (1988), aos resultados do estudo de Maria Teresa Sadek (1986), que indicam que as bases geográficas do voto janista continuam as mesmas dos períodos anteriores, a despeito das mudanças sociais ocorridas nestas áreas. Em suma: ao passo que as bases geográficas do voto janista continuavam as mesmas, os habitantes dessas regiões haviam mudado sua condição de classe em relação aos anos 1960. Sadek (1986) acrescenta, ainda, outro fator que complexifica a situação: Jânio Quadros já não se apresentava nos anos 1980 como candidato popular, mas sim como um representante de classe média.

O crescimento eleitoral de Quadros seguiria este padrão – bairros antigos ocupados pela classe média baixa. Sinal disso é o crescimento de seus votos em áreas como o Pari, o Brás, a Vila Carrão, a Penha de França e a Vila Guilherme¹. Simultaneamente, Quadros tinha dificuldades em se estabelecer entre os eleitores das classes altas, residentes na Zona Oeste e em trecho da zona Sul-Sudeste, e dos estratos mais baixos e periféricos. Assumindo como dado – que demonstraremos adiante – o conservadorismo da candidatura de Quadros, há fortes indícios que nem a periferia, nem a elite se identificavam com o discurso de direita.

Veremos, também adiante, o significado social de morar nestas regiões. Por enquanto, basta frisar que o ex-presidente da República explorava o ressentimento deste eleitorado, que acolhia o seu tom autoritário-moralista. Para entender a especificidade desta relação, convém lembrar as palavras de Maria Rita Kehl (2011, p. 27), segundo quem “no ressentimento, o tempo da vingança nunca chega. O ressentido é tão incapaz de vingar-se quanto foi impotente em reagir imediatamente aos agravos e às injustiças sofridas”. Daí se compreende que uma característica

¹ O autor utiliza os dados de Lamounier e Muszynski (1986), bem como a abordagem por meio de Áreas Homogêneas. Esta abordagem cruza dados socioeconômicos das regiões da capital e, quando somadas as informações geográficas, identificam os locais e as classes onde predominam os votos conservadores.

central do ressentimento é o medo e, em consequência, entende-se a valorização do tema da segurança para este eleitorado.

Passando à votação de Paulo Maluf, Pierucci (1988) encontra alguns pontos de intersecção entre sua votação e a base janista. Embora o desempenho de Maluf tenha sido ruim na Zona Norte, sua votação era alta entre os de renda mais baixa e menos escolarizados residentes em áreas nobres. O curioso é que os eleitores que desfrutavam desta mesma composição social – baixa renda com baixa escolaridade – quando residentes na periferia, tendiam a votar em Orestes Quércia (PMDB). Consequentemente, ele conclui que existe uma diferença decisiva entre ser pobre em zonas nobres, ou em suas cercanias, e em sê-lo em zonas periféricas. Exemplo disso era a alta votação de Maluf na área conhecida em São Paulo como Centro Velho e em suas redondezas.

Como observa o autor, a coincidência entre as bases eleitorais de Paulo Maluf e Jânio Quadros é parcial, não total. Porém, aponta para o fato de que as regiões nas quais Maluf teve mais votos foram as da zonas Norte (21,3%) e Leste (20,1%). Sintetizando, Pierucci (1988) conclui que: onde há janismo, há malufismo, principalmente na Zona Leste mais próxima do Centro. Contudo, o janismo seria um pouco mais sólido na Zona Norte, enquanto o malufismo o seria na Zona Leste. No entanto, no que se refere a Maluf, este quadro seria alterado na eleição seguinte.

Depois, conjuntamente com seu orientando Marcelo Lima, retorna ao tema na eleição estadual de 1990 (PIERUCCI; LIMA, 1991). Embora derrotado nela, a votação de Paulo Maluf teve um acentuado crescimento, o que se deveria ao deslocamento eleitoral das classes superiores para o lado direito do espectro político. Esta migração eleitoral de altos estratos sociais caracterizaria, segundos os autores, o fenômeno do eleitor volátil.

Paulo Maluf terminou o primeiro turno, realizado em 3 de outubro de 1990, em primeiro lugar². Teve também a maioria dos votos paulistanos no segundo turno, que preferiram o candidato mais à direita no espectro político. Para caracterizá-lo assim, Pierucci e Lima (1991, p. 12) afirmam que bastaria observar suas propostas “que giraram em torno da marca registrada da nova direita mundial – a questão da segurança [...]”

O crescimento eleitoral de Maluf, no intervalo de uma eleição estadual, possibilitou que o candidato quase dobrasse seu número de votos³. Portanto, ao contrário

² Seguem os números: no estado, Maluf teve 34,3% dos votos, contra 22,2% de Fleury e 23,2% dos demais candidatos somados, além de 21,2% de votos brancos e nulos. Na capital, Maluf venceu com 37,9% dos votos, contra 17,8% de Covas, 16,5% de Fleury e 10,1% de Plínio de Arruda Sampaio.

³ Em 1986, obteve 19,4% dos votos da capital; em 1988, 24,4%. Na eleição presidencial de 1989, teve ligeira queda (23,4%), dado o maior número de candidatos à direita naquela eleição (Affif Domingos e Collor). Em 1990, o salto de Maluf foi de 14,5%, obtendo 37,9% dos votos na capital.

do senso comum que afirmava a derrocada da direita no período pós-regime militar, Pierucci e Lima (1991) constatavam a trajetória ascensional do candidato. E a eleição de 1990 foi o momento marcante deste processo, quando o candidato largou com 40% dos votos da capital e permaneceu neste patamar até o fim do pleito.

A base eleitoral de Maluf continuava a mesma da eleição anteriormente estudada, com destaque para os bairros da Moóca, do Belenzinho, do Tatuapé – todos estes no lado Leste da cidade; do lado Norte, o destaque ia para a Vila Guilherme, para a Vila Maria e para o Pari. No entanto, bairros localizados em áreas nobres da cidade, como Jardim Paulista, Vila Olímpia, Cerqueira César e Moema, apresentaram expressivo número de votos no candidato do PDS. “São dados que apontam claramente no sentido de uma expansão socialmente ascendente do voto malufista.” (PIERUCCI e LIMA, 1991, p.18). No segundo turno, a votação de Maluf foi avassaladora: venceu em 28 dos 35 distritos, perdendo apenas em zonas periféricas pobres, como Cidade Ademar, Sapopemba, Itaquera e etc. Como explicar o fenômeno?

Os autores sustentam que o momento-chave deste movimento foi a eleição de 1988, na qual Maluf liderava as intenções de voto, mas foi derrotado por Luiza Erundina (PT). Essa virada se deveu, segundo Pierucci e Lima (1991), à migração de votos dos candidatos José Serra (PSDB) e João Leiva (PMDB), bem como aos votos decididos na última hora, em direção da petista. Como explicam os autores:

[...] havia uma reserva de apoio às forças conservadoras estocada fora do *basic vote* tradicional do conservadorismo. Dependendo dos fatores em jogo, da elasticidade da oferta e da intensidade da competição num final de campanha, o pico eleitoral da direita podia muito bem se deslocar das áreas médias para os bairros burgueses. Assim, em sua primeira manifestação, o voto neomalufista foi um voto estratégico para impedir a vitória petista que, da penúltima hora até o último minuto, mostrou-se mais que provável, iminente. (PIERUCCI e LIMA, 1991, p. 22).

Esse estoque foi acionado devido ao apoio peesedebista ao candidato do PT no segundo turno da eleição presidencial de 1989. O sinal de alerta soou: era iminente a ascensão de um governo popular, como indicava a passagem de Lula ao segundo turno da eleição presidencial. A reação não tardou: houve um deslocamento eleitoral em massa de grande parte dos estratos superiores na direção de candidatos conservadores. Exemplo desse deslocamento foi o chamado efeito estrela⁴. Vale esclarecer: este eleitorado, majoritariamente adepto do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) estaria punindo o partido pelo seu apoio a

⁴ O “efeito estrela” seria justamente o pânico causado pela ascensão petista. Reflexos disto foram a alta do dólar e o boato de que 800 mil empresários abandonariam o país no caso da vitória de Lula.

Lula. Esta tese também daria conta, segundo os autores, de explicar a queda brusca da votação de Mário Covas, que viu, no espaço, entre 1989 e 1990, 20% de seu eleitorado migrar para Maluf.

Duas conclusões se impunham: a primeira é a de que havia um processo de crescimento da direita; a segunda é a de que estaria ocorrendo, simultaneamente, a volatilização dos votos, especialmente os das classes médias-altas e altas. De acordo com Pierucci e Lima (1991), a própria imagem que Maluf tentou passar aos seus eleitores – o de candidato “eficiente” e “moderno”, além de apaixonado por São Paulo – buscou tocar em pontos caros a essa faixa populacional. Outra estratégia empregada pelo ex-governador para atrair esses eleitores foi a rejeição em entrar em debates considerados polêmicos. Naquela altura, diziam Pierucci e Lima (1991, p.26): “Hoje estão juntas, coligadas, uma direita tradicional, que permanece, e uma que flutua.”

Paulo Maluf foi eleito prefeito de São Paulo em 1992, tal como previsto por Pierucci e Lima (1991). No trabalho seguinte, os autores modificaram a tese do eleitor volátil. Com uma alteração de visada, passaram a sugerir que “nesses dez anos de pluripartidarismo o voto de direita na cidade foi, voltou, foi, voltou ... e acabou por se encaixar de novo em seu velho molde, por reencontrar os traços submersos no antigo desenho.” (PIERUCCI e LIMA, 1993, p.94). Daí a ideia de que a flutuação da direita, na verdade

[...] era o primeiro ato de um **realinhamento** de bases eleitorais que a princípio pareceu meramente conjuntural, pois se tratava de algo muito espontâneo e veloz [...]. Hoje, olhando em retrospectiva, aparece como uma coligação *desde abajo* muito bem sucedida, ainda que feita à beira de um precipício. Essa aliança dos eleitorados de direita em torno do nome de Maluf restou-se mais uma vez em 1990 e, para o âmbito da capital, deu certo. Agora, com a vitória em 92, esse perfil coligado tem tudo para se consolidar como estratégia eleitoral do bloco conservador. (PIERUCCI e LIMA, 1993, p.96 – primeiro grifo nosso).

A expansão do voto malufista mudou a sua distribuição geográfica e social. Antes, o voto conservador tinha como expressão a trajetória de um “V invertido”. Isto é, a curva de votos era baixa nos bairros ricos, atingia seu pico dos bairros médios e descia nos bairros pobres. “Foi esse o perfil do voto janista em 82 e 85. Foi essa a curva do voto malufista na cidade de São Paulo em 86 e 89.” (PIERUCCI e LIMA, 1993, p.96).

Os eleitores mais privilegiados, moradores de zonas nobres, parecem ter adotado a postura de tentar barrar a ascensão daqueles que identificam como de esquerda. Este comportamento dos eleitores de alta renda se combinou com a

estratégia de *marketing* de Maluf, que batia na tecla da mudança, da eficiência e do anti-petismo. O resultado foi a sua reinserção na vida política da cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, isso representou um retorno a um velho padrão eleitoral.

Nos termos de Pierucci e Lima (1993):

Tudo leva a crer que a consolidação do PT [...] está deslocando a “normalidade” da curva de distribuição de voto direitista (registrada na São Paulo dos anos 80) e reconduzindo-a ao seu padrão pré-abertura. Ou seja, de voltar ao perfil partidário “histórico” da Arena na São Paulo dos anos 70. (PIERUCCI e LIMA, 1993, p.98).

Mesmo crescendo em toda a cidade, a votação malufista ainda encontrava, naquela altura, maior resistência nas periferias. Lá, a fidelidade ao (P)MDB parecia reinar e o seu esvaziamento eleitoral parece não ter sido preenchido, nem pela nova imagem de Maluf, nem pelo PT, que já havia governado a cidade, nem pelo PSDB. Ao menos, isto é o que sugerem os autores, tendo em vista o aumento de votos em branco nestas regiões.

Em suma: quanto maior a renda e mais nobre o bairro, maior era a tendência de Maluf vencer nele. Se assim era, o voto malufista não obscurecia as distinções sociais, como se dizia; ao contrário, trazia “à tona a velha e boa consistência sociológica do alinhamento eleitoral conservador na capital.” (PIERUCCI e LIMA, 1993, P.98).

A classe média baixa: uma abordagem bourdiesiana

No já referido *A direita mora do outro lado da cidade*, Pierucci (1988) cita a *magnum opus* do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007), o livro *A distinção*. A pista é importante, pois ela nos permite desvendar a operação feita por Pierucci (1988) na construção de uma das noções-chave de sua sociologia eleitoral: a ideia de classe média baixa. E para isso, é preciso articular, ainda que brevemente, alguns conceitos que formam a teoria sociológica de Bourdieu (2001, 2005, 2007), tais como *habitus*, campo, capital econômico, capital cultural, classe, atores sociais e etc.

Segundo o sociólogo francês, os atores sociais, tanto do ponto de vista individual, como coletivo, estão inseridos em vários campos. Esta noção se refere a um espaço social institucionalizado e hierarquizado, no qual os atores sociais competem pelo monopólio de conferir legitimidade às suas práticas em detrimento de outras. Os exemplos podem ser os mais variados: o de afirmar qual é a boa literatura e a que não é, denominar qual roupa é *fashion* e qual não é, indo até mesmo ao campo religioso, onde se disputam os monopólios pelos bens de salvação.

Assim, é possível falar de campo artístico, campo religioso, campo educacional e etc. (BOURDIEU, 2005; WACQUANT, 2005)

Para a vencer a luta interna que ocorre nos campos nos quais estão inseridos, os atores sociais mobilizam os seus vários capitais, que são específicos aos campos nos quais atuam. Neste tópico, o aspecto central, para Bourdieu, é que cada campo possui estruturas e regras próprias, de maneira que existiram critérios internos próprios de legitimidade em cada um deles. Cada campo possui, portanto, indivíduos em posições superiores, que ditam as regras do campo, e outros subordinados.

No que se refere à noção do *habitus*, ela significa um conjunto de estruturas cognitivas/modos de perceber/modos de classificar/modos de agir arraigados no corpo. (BOURDIEU, 2001). Esta noção permitiria aos cientistas sociais perceberem como a sociedade reside no indivíduo. Estes modos de percepção estão para além da consciência, na medida em que tocam âmbitos inconscientes dos sujeitos. Por outro lado, é vital, para o que exporemos adiante, observar que *habitus* pode ser de grupo, classe ou de indivíduos.

Ao concebermos o *habitus* como um conjunto de disposições, podemos perceber que existe certa margem de liberdade de escolhas dos indivíduos, mas que nem por isso deixam de ser relacionadas às estruturas sociais; isto porque essas escolhas se dão em relação à história dos indivíduos e grupos. Daí a importância da história tanto coletiva como individual, ou seja, das trajetórias dos grupos e indivíduos.

Bourdieu (2001) constrói este conceito para dar conta das formas e possibilidades pelas quais um determinado indivíduo pode acessar uma dada posição social. Um exemplo simples pode nos ajudar a entender a ideia: é muito difícil, no Brasil, que uma criança com baixos capitais econômico e cultural consiga se tornar médica, pois o caminho para atingir essa posição social exige uma sólida formação cultural, além de, via de regra, bases econômicas firmes. Desta maneira, ela tenderá a reorientar sua trajetória.

Sintetizando, o conceito bourdieusiano de classe social frisa a conexão entre o componente simbólico (*status*) e o componente econômico (capital). Em consequência, quanto mais um indivíduo possuir altos capitais nas duas dimensões, melhor posicionado socialmente ele estará. Ao mesmo tempo, isto estaria conectado à relação entre a posição social e a estrutura mental dos atores sociais, tal como vimos na noção de *habitus*. E as classes sociais, reconhecendo as desigualdades de suas posições dentro do contexto social, entram em conflitos simbólicos⁵.

⁵ Para mais informações, remetemos o leitor a um artigo no qual Sérgio Miceli sintetiza as etapas da formulação dos conceitos de Bourdieu aqui trabalhados. (MICELI, 2003).

Tendo em mente este panorama sumário da teoria de Bourdieu (2001, 2005, 2007), convém compreendermos como Pierucci (1988) monta o cenário para estas lutas simbólicas e como pretende compreendê-lo. Em suas palavras:

Não se trata, portanto, de olhar para a cidade apenas do ponto de vista da distribuição desigual dos rendimentos ou da desigual distribuição das categorias ocupacionais em seu território, mas também de encarar o espaço urbano como um aglomerado de espaços sociais (ou contextos culturais) que não podem deixar de ter importância, mormente quando os discursos político-eleitorais passam a apelar de forma explícita para valores e normas de conduta da vida cotidiana. A violência, o crime, a pornografia, a família, as drogas, os livros escolares, a fé em Deus etc. são *issues* que podem ou não ganhar uma eleição, mas seguramente sensibilizam certas coletividades ou pessoas mais do que a outras, aderem melhor a certos espaços sociais, aterrisam mais facilmente em certas bases prático-sensíveis, casam-se mais facilmente com certos estilos de vida que, na metrópole, ao mesmo tempo se misturam e se separam. (PIERUCCI, 1988, p.1).

Neste cenário, vários atores sociais interagem. Entre eles, os que Pierucci (1988), denominará como componentes da **classe média baixa** nos é central. O termo **classe média** se refere à ideia, como diz o próprio nome, de que seus componentes estão localizados no meio da pirâmide social. Ademais, os componentes desta classe viveriam no meio do caminho entre o centro da cidade e da sua periferia, além de, costumeiramente, atuarem em funções médias do ponto de vista econômico. O adjetivo **baixa** advém das seguintes características: baixa escolaridade, relativa pobreza e idade tendencialmente avançada. Ou seja, em termos bourdieusianos, poderíamos afirmar que a posição social desta classe é caracterizada por um desequilíbrio entre capital econômico (médio) e capital cultural (baixo). Além disso, este setor social tenderia a estar fora do mercado de trabalho. Percebe-se, assim que a trajetória de tais atores sociais são também trajetórias socialmente vistas como subalternas ou, no mínimo, como decadentes. É isso que permitiria o estudo do conjunto, além de constituir parte central do interesse do objeto.

Assim, esse conjunto de fatores se refere aos *status* sociais dos quais estes eleitores desfrutam, que estão, por sua vez, intimamente ligados à sua posição de classe. Noutros termos, dentro da luta de classes simbólica, estes eleitores estão em posição subalterna, o que seria particularmente decisivo para o surgimento do ressentimento, tal como vimos.

Nesta altura, podemos voltar ao tema posto anteriormente: o que significa morar nas zonas nas quais Quadros e Maluf tiveram contingentes de votos expressivos?

[...] significa morar, portanto, no “outro lado” da cidade. Trata-se de populações de classe média para os quais o local de moradia representa um traço inferiorizador de seu *status*. O bairro [...] numa palavra, o **modo de inserção urbana** destes estratos da população constitui componente crucial (e pesado) de sua identidade social, teia que de algum modo os impede de identificar-se com os mais pobres, ao mesmo tempo que lhes permite ver sua distância social e geográfica em relação aos mais ricos, mais chiques, mais *in* – reconhecimento que, não raro, é acompanhado de *ressentimento*. Foi nestas populações que as interpelações autoritário-moralistas de Jânio Quadros encontraram, em 1985, valiosa acolhida. (PIERUCCI, 1988, p.4-5, grifo nosso).

Relembrando o apontamento de Lamounier e Muszynski (1986) sobre o eleitor periférico, Pierucci (1988) correlaciona algumas características sociais dos eleitores de Maluf e Quadros. Esquemáticamente:

- I) O principal fator seria a correlação negativa com a escolaridade.
- II) Haveria uma correlação positivamente com a idade.
- III) Também haveria correlação positiva com a não participação no IPEA (Índice de População Economicamente Ativa)
- IV) A correlação seria negativa com relação a renda (mas menos negativa dos que as de Quércia, Montoro, Suplicy e Lula)
- V) E, por fim, seria positiva com a residência em zonas centrais da Zona Leste e Norte.

Segundo o autor, as quatro primeiras variáveis apontariam para o fenômeno do eleitor periférico. O último não corroboraria diretamente as conclusões de Lamounier e Muszynski (1986), no entanto, poderia ser combinada com elas, pois, se considerarmos que estes eleitores moram do outro lado da cidade, poderíamos considerá-los periféricos do ponto de vista do *status* social do qual desfrutam. (PIERUCCI, 1988).

A posição política periférica dos eleitores tem, assim, correlação positiva com sua posição **cultural-simbólica** periférica, que pode ser traduzida nos seguintes termos: estes sujeitos estão longe dos espaços de produção e consumo de bens sofisticados, mesmo tendo razoável poder aquisitivo. Esse quadro configura

[...] situação típica de discrepância de *status*, fonte de descontentamentos dificilmente traduzíveis em categorias propriamente políticas, dificilmente enquadráveis ou representáveis nas agendas de propostas de soluções políticas.

Daí a facilidade com a qual seus comportamentos políticos, suas percepções do mundo político, seus juízos políticos, enfim, se contaminam de rigorismo moral, conservadorismo comportamental e autoritarismo doméstico. Dito de outro modo, a posição “marginal” desse tipo de eleitor, politicamente desprovido e cognitivamente desapetrechado, não apenas o lança na órbita dos políticos personalistas (como notaram Lamounier e Muszynski), mas também o torna mais propenso a não pensar politicamente a política, vale dizer, a apreender o mundo político pelo viés das categorias morais, dentro dos marcos de percepção e apreciação próprios da esfera da moral privada. (PIERUCCI, 1988, p.16).

Esta situação os levaria a tomar partido contrário aos da cultura letrada, levando-os ao antiintelectualismo. Aqui retomamos outro ponto que havíamos assinalado anteriormente: a permeabilidade deste eleitorado com relação ao discurso conservador. E é possível compreender tal discurso como oriundo de um *habitus*, tal como pretendemos demonstrar em seguida.

O pensamento conservador: uma sensibilidade específica

Outra dimensão dos estudos de Pierucci que aqui estamos sintetizando é a tentativa de compreender o “modo de pensar” conservador, passando, então, pelos seus “anseios”, suas visões. Os traços mais salientes desta sensibilidade são a não-abstração e o medo (PIERUCCI, 1999, p.95; PIERUCCI, 1987, p.26). Como estamos no âmbito das maneiras de pensar, é preciso entender que o conservadorismo, neste plano, não se reduz à ideologia política, pois “o programa historicamente fundante da direita inseriu em seu núcleo mais resistente a pretensão de conservação social: **o conservantismo é antes de mais nada uma proposta de sociabilidade.**” (PIERUCCI, 1990, p.10 – grifo do autor).

O combustível desta proposta de sociabilidade é o medo. Aqueles que pensam e vivem segundo esta maneira de pensar, costumam se sentir ameaçados por tudo aquilo – e aqueles – que lhes são diferentes. Ganham destaque as rejeições de diferenças étnicas, sociais e geográficas. Em meio à uma crise complexa, de componentes econômicos, políticos e, sobretudo, **morais e culturais**, “eles se crispam sobre o que resta de sua identidade em perdição, e tudo se passa como se tivessem decidido jogar todos os trunfos na autodefesa.” (PIERUCCI, 1989, p.26).

Por isso é importante destacar que a própria posição social destas pessoas é ambígua, o que impacta diretamente o seu discurso. No caso estudado por Pierucci (1987), trata-se de pessoas de razoável poder aquisitivo, que sofrem as contradições

da inserção na sociedade de consumo, mas também o seu contrário, isto é, as crises econômicas. Isto as coloca numa posição de fascinação e decepção para com as “promessas do capitalismo”, decepcionando-se com um Estado que não os protege mais contra suas desventuras, de modo que “o progressismo modernizador dessas camadas por vezes se tingem de anticapitalismo. Do mesmo modo que o moralismo desliza para a oposição ao *status quo*.” (PIERUCCI, 1987, p.30).

A incongruência de seu discurso, dada a sua concretude, é demonstrada em diversos pontos de suas ideias políticas. Defendem soluções anti-igualitárias e autoritárias, mas concordam com uma série de reformas e direitos: são favoráveis ao direito de greve, embora não a façam; são favoráveis à reforma agrária, mas reprovam invasões urbanas; querem mais gastos públicos na mesma medida em que desejam leis mais severas (segurança policial e seguridade social) e etc. “O papo liberal anti-welfare, claro está, não é com eles.” (PIERUCCI, 1987, p.27). Também não têm medo do comunismo, que é cachorro morto. Anticomunismo, bem como neoliberalismo, são ideias que se encontram nas cúpulas e mingam quando se aproximam das bases da pirâmide social, dado o necessário grau de abstração para pensá-las. Outro tema que encontra grande rejeição entre estes eleitores é o tema dos direitos humanos, tratados como “direito para bandidos”. (PIERUCCI, 1987, p.28-9). O autor também destaca a importância da “narração dos fatos”, que alimentaria uma lógica “protofascista”. (PIERUCCI, 1987, p.32). O discurso do medo sempre encontra alguém para reafirmá-lo, por ter vivido algo ou por ouvir dizer que alguém sofreu. Há, portanto, uma generalização espacial e social do discurso.

De maneira geral, aqueles que esposam essa maneira de pensar são, segundo Pierucci (1987), preconceituosos e defendem a ideia de que as diferenças entre as pessoas são incontornáveis e daí seu preconceito racial e social. Neste caso, ele também defende que as atitudes discriminatórias com relação aos nortistas e nordestinos é um triunfo cultural da extrema direita. Acontece, segundo ele, uma mescla de “tradicionalismo e convencionalismo” com “xenofobia e agressividade” que culmina no que Gramsci chamará de *fenomeni morbosi*, i.e., as pessoas que se sentem alvejadas culturalmente descontam sua raiva e ressentimento nos mais próximos e, nestes casos, negros e nordestinos. (PIERUCCI, 1987, p.30). Ao lado das discriminações, aparece em seu universo mental a ideia de “decadência dos costumes”. Segundo o autor, esta “sensação” sempre foi um traço típico das direitas. (PIERUCCI, 1987, p.32)

Embora as direitas tenham alguma unidade, é importante assinalar suas nuances, tal como dito na sessão sobre os cuidados metodológicos da pesquisa. Para além do “tipo modal” exposto, há algumas diferenças importantes. Por exemplo, entre os clericais e os anti-clericais, entre os “conservadores” e os “modernizadores”, entre os “repressivos em moral e política” e os “repressivos em moral e liberais em

política”. No quesito “liberdade econômica” ou “estatismo”, aqueles que optam pela segunda opção tendem a ser menos escolarizados. (PIERUCCI, 1987, p.40). E mesmo dentro do grupo “estatista”, há variação de posições.

Há, como observa o autor, um descompasso entre a elite direitista paulistana, que seria thatcherista, e a sua base, que seria estatista. De acordo com Pierucci (1987), a direita que defende os valores familiares, não empresariais ou individualistas, teria mais chance de vingar. A importância da família é uma “certeza generalizada, que aflora sempre que o assunto é a vida em São Paulo, e acaba colocando a defesa da família como prioridade número um de qualquer projeto de sociedade que se lhes afigure minimamente decente.” (PIERUCCI, 1987, p.41).

Este tom de catolicismo social, que defende o familismo e tem tonalidade democrata-cristã, revela a importância cultural do catolicismo no eleitorado de direita, que não é extrema. A ideia central é a defesa da família, que estaria sendo atacada por vários meios, como uma cidade desumana, a degradação moral e etc.

Essa influência cultural do catolicismo colaboraria para formar opiniões, entre este eleitorado, contra o aborto, contra o divórcio, contra o amor livre e contra o feminismo. Por outro lado, favorece um discurso menos severo com relação à criminalidade e o respeito resoluto à vida. E aqui aparece uma ambivalência na questão da pena de morte, esta cisão aparece, pois nem toda direita, mesmo radical, é a favor da pena capital.

Outra direita conta com um apoio mais entusiástico naquele momento. É a “outra vertente da nova direita internacional, a moralista.” (PIERUCCI, 1987, p.42). Isto porque ela conta com uma dupla aliança que facilita sua penetração social: a aliança com a “extrema direita policial” e com a “extrema direita evangélica”, ambas midiáticas. Além, é claro, da sua amizade com elementos da “extrema direita tradicionalista e patriarcal”.

No Brasil daquele período, dado o acúmulo de tensões, havia possibilidade de surgimento de cruzadas moralistas. Daí a “despolitização” da nova direita, pois não resta “como via de ancoragem nas massas senão a demagogia do moralismo.” (PIERUCCI, 1989, p.43). Numa sociedade em que o liberalismo econômico não tem ancoragem social, só lhe restaria tal recurso. São dois os campos semânticos deste eleitorado de direita: por um lado, reações antiliberais em questões culturais e comportamentais (moral familiar) e, por outro, demandas antiliberais pelo intervencionismo. Porém, o que é fixado é apenas o primeiro campo semântico, que fornece os argumentos para a alimentação do discurso moralista.

É importante observar que, embora alguns poucos tenham defendido o neoliberalismo, “o intervencionismo da legislação em moralidade sexual e familiar é proposto **por todos sem exceção** [...]” (PIERUCCI, 1987, p.43 – grifo do autor). O moralismo seria, portanto, o elo entre todas as direitas.

Considerações finais: o cuidado com o discurso em prol das diferenças

Pode-se observar, ao longo do desenvolvimento dos trabalhos de Pierucci aqui estudados, uma preocupação que cresce de tom conforme os textos avançam: a preocupação com relação à maneira como a esquerda deve abordar o tema das diferenças. Aliás, este era o grande tema da nova esquerda surgida nos anos 1970, que passaria a deixar de lado questões da velha esquerda – marxista, como se sabe – para colocar luz sobre temas de gênero, etnias, nação etc.

Contudo, essa temática teria fundamento no pensamento da direita, ao menos se tomarmos como referência a Revolução Francesa. E, assim, a sua sensibilidade, aliado aos seus fundamentos históricos, complicariam imensamente a discussão, do ponto de vista da esquerda, na arena pública. Seria preciso, pois, tomar cuidado com as “ciladas da diferença”. Isto é, tomar cuidado com o racismo, a xenofobia e o sexismo que podem surgir deste discurso, por vezes feito pelos novos conservadorismos com bases nos argumentos da própria esquerda. (PIERUCCI, 1990). O autor sustenta, portanto, que a esquerda deve focar o seu discurso na questão da **igualdade**, sua bandeira histórica. Pois, além de fundamentada numa visão histórica, ela seria imune às apropriações indevidas de seus rivais políticos.

Pretendemos, como assinalamos na introdução, argumentar que os trabalhos de Pierucci comportam: uma tese sobre o comportamento eleitoral paulistano, de que a noção de “classe média baixa” que Pierucci utiliza, pode ser melhor compreendida se a observamos a partir da sociologia de Pierre Bourdieu e que há uma mensagem política para a esquerda. Todos esses elementos, se fomos bem sucedidos em nosso trabalho, denotam o refinamento teórico, a metodologia afortunada, a sensibilidade sociológica e, assim, a importância de tomarmos as pesquisas e os textos de Pierucci sobre comportamento eleitoral como inspiração para empreitadas futuras.

REVISITING THE SHORT ELECTORAL SOCIOLOGY OF ANTONIO FLAVIO PIERUCCI (1985-1992)

ABSTRACT: *The article revisits the production of Antônio Flávio Pierucci on the electoral behavior of voters in São Paulo for Jânio Quadros and Paulo Maluf in the period between 1985 and 1992. Besides revealing a little-remembered facet of the author, the text aims to highlight the object of study, the methodology used by the author and his political conclusions. It will also touch on how Pierucci used the sociology of Pierre Bourdieu to unveil the way of life of a conservative stratum*

of the São Paulo population. Taking into account that reality is ever-changing, the text aims to underline the importance of this body of research, as a reference for future endeavors.

KEYWORDS: *Malufism. Janism. Conservantism. Antonio Flavio Pierucci.*

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.

LAMOUNIER, Bolívar e MUSZYNSKI, Judith. A eleição de Jânio. In: LAMOUNIER, Bolívar (org.). **1985: O voto em São Paulo**. São Paulo, IDESP, 1986.

MICELI, Sérgio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol.15, nº1. 1º semestre de 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Um toque de classe, média-baixa. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, nº 4, fevereiro de 1986.

_____. As bases da Nova Direita. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, nº 19, Dezembro de 1987

_____. A direita mora do outro lado da cidade. Trabalho apresentado no GT “Partidos, Eleições e Problemas Institucionais”, XII Encontro Anual da Anpocs, Águas de São Pedro. **Anais do XII Encontro Anual da Anpocs**. Outubro de 1988. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_03.htm. Acesso em: 28 nov 2016.

_____. Ciladas da diferença. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 2º semestre, 2 (2), 1990.

_____. **Ciladas da diferença**. São Paulo, Editora 34, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, Marcelo Coutinho de. A direita que flutua: o voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, Nº 29, Março de 1991.

_____. São Paulo 92, a vitória da direita. **Novos Estudos Cebrap**, nº 35, Março, 1993.

SADEK, Maria Tereza. A trajetória de Jânio Quadros. In: LAMOUNIER, Bolívar (org). **O voto em São Paulo**, São Paulo, IDESP.1986.

WACQUANT, Loic. Mapear o campo artístico. **Sociologia, problemas e práticas**, nº48, p-117-123, 2005.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

Recebido em 12/08/2015.

Aprovado em 06/11/2016.